



CONEXÕES AMEFRICANAS NO *CLUBE DE LEITURA VIRTUAL JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA*: MORRISON (1931-2019), MARIA FIRMINA DOS REIS (1822-1917), E PAULINA CHIZIANE (1955-)

Luciana Ferreira Leal* ¹

* Universidade Estadual do Paraná (Unespar)

e-mail: luciana.leal@unespar.edu.br

Franciele Ruiz Paquim* ²

* Universidade Estadual do Paraná (Unespar)

e-mail: francielepasquim@gmail.com

Resumo: Destaca-se a recepção das obras *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison, *Úrsula* (1856) de Maria Firmina dos Reis e *Nikette* (2001) de Paulina Chiziane, no âmbito do debate sobre a importância dos clubes de leitura no Brasil como lugares privilegiados de formação leitora. Essas obras foram escritas por autoras negras comprometidas com a luta por direitos e foram lidas pelos integrantes do projeto de extensão “Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carrascoza” e discutidas durante as reuniões ocorridas, respectivamente, em maio, julho e novembro de 2022. Esse clube de leitura é resultante de projeto de extensão, que tem como público-alvo alunos do curso de Letras da UNESPAR, bem como a comunidade de Paranavaí (PR) e região, além dos estudantes do curso de Pedagogia da FACCAT, e comunidade de Tupã (SP) e região. Por meio dos relatos de leitura dos integrantes, respostas do formulário de presença on-line e comentários escritos no chat, foi possível compreender como os temas e a estética presentes nos livros foram recebidos por cada integrante, com diferentes perfis e experiências de leituras. A partir da análise das respostas e da interação dos membros do clube, foi possível constatar que as três obras tiveram recepção muito positiva, permitindo que os leitores tivessem acesso direto a culturas e espaços distintos, colocando em pauta questões urgentes sobre desigualdades sociais e racismo. Por fim, ressalta-se a importância dos clubes de leitura para visibilidade e fortalecimento da produção de mulheres negras, contribuindo também para as reflexões de caráter multirracial e pluricultural no território latino-americano.

Palavras-chave: Mulheres negras. Literatura. Clube de leitura.

1 Mestre em Letras (UEL) e Doutora em Literatura e vida social (Unesp - Assis), possui Pós-doutorado em Letras (Unesp - Assis) e integra os grupos de pesquisa GELLE (Grupo de pesquisa em língua, literatura e ensino) e NIPELL (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura). É coordenadora geral do Projeto de extensão “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza”. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1185097680420065>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7139-6765>.

2 Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp - Marília), é integrante do GPHELLB - Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura - NIPELL, da Universidade Federal de São Paulo. É coordenadora pedagógica do Projeto de Extensão “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza”. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1522160458019383>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1846-0385>.



Amefrican Connections in The *Virtual Reading Club* João Anzanello Carrascoza: Morrison (1931-2019), Maria Firmina dos Reis (1822-1917), and Paulina Chiziane (1955-)

Abstract: In order to contribute for comprehension of the importance of reading clubs in Brazil as privileged places for reader training, highlights the reception of the works *O Olho mais azul* (1970) by Toni Morrison, *Úrsula* (1856) by Maria Firmina dos Reis and *Niketche* (2001) by Paulina Chiziane. These works were written by black authors committed to the fight for rights and were read by the members of the extension project *João Anzanello Carrascoza Virtual Reading Club* and discussed during the meetings held, respectively, in May, July and November 2022. This reading club is the result of an extension project, whose target audience is students of the Languages course at UNESPAR, as well as the community of Paranavaí (PR) and region, in addition to students of the Pedagogy course at FACCAT, and the community of Tupã (SP) and region. Through the members' reading reports, responses from the online presence form and comments written in the chat, it was possible to understand how the themes and aesthetics present in the books were received by each member, with different profiles and reading experiences. From the analysis of the answers and interaction of the club members, it was possible to verify that the three works had a very positive reception, allowing the readers to have direct access to different cultures and spaces, raising urgent questions about social inequalities and racism. Finally, it emphasizes the importance of reading clubs for the visibility and strengthening of the production of black women, also contributing to reflections of a multiracial and multicultural character in Latin America.

Keywords: Black women. Literature. Book club.

Introdução

Tendo em vista a recepção das obras *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison, *Úrsula* (1856) de Maria Firmina dos Reis e *Niketche* (2001) de Paulina Chiziane, realizada pelos integrantes do projeto de extensão “Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carrascoza”³, durante as reuniões ocorridas, respectivamente em maio, julho e novembro de 2022. Nessas três reuniões, cada integrante apresentou suas impressões sobre cada um dos livros lidos, destacando trechos e inferências importantes para a compreensão das obras, previamente escolhidas pelas coordenadoras do clube.

O projeto de extensão tem como público-alvo alunos do curso de Letras da UNESPAR, bem como a comunidade de Paranavaí (PR) e região, além dos estudantes do curso de Pedagogia da FACCAT, e comunidade de Tupã (SP) e região. O clube apresenta,

³ Trata-se de um projeto de extensão universitária interinstitucional, envolvendo a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí/PR, e as Faculdades FACCAT de Tupã/SP. O Clube da Leitura Virtual iniciou-se no ano de 2021, durante a Pandemia da COVID 19, e tendo em vista a ampliação de sua demanda, as coordenadoras desse projeto de extensão, resolveram fazer uma nova edição do Clube, que foi iniciada em 2022. As reuniões são mensalmente realizadas via *Google Meet* e nelas os participantes compartilham suas experiências e impressões a respeito do livro previamente determinado.



portanto, o objetivo geral de promover a democratização da literatura e proporcionar a formação de leitores críticos, criativos e sensíveis às formas artísticas e às relações humanas, divulgando obras que tenham beleza estético literárias, tais como as analisadas nesse texto.

Por meio dos relatos de leitura dos integrantes, respostas do formulário on-line e comentários escritos no *chat*, foi possível compreender como os temas e a estética presentes nos livros foram recebidos por cada integrante, tendo em vista que o clube possui uma abrangência de público bastante diversa, já que alcança os estados de São Paulo e Paraná, além de possuir participantes com diferentes perfis e experiências de leituras.

Consoante a isto e observando a heterogeneidade do grupo, tanto geográfica quanto de experiências de leituras, uma vez que o público se alterna entre acadêmicos e a comunidade em geral, apresenta-se a recepção literária das obras *O olho mais azul* (ano) de Toni Morrison, *Úrsula* (ano) de Maria Firmina dos Reis e *Niketche* (2001) de Paulina Chiziane, durante as reuniões do clube.

Diante do exposto, a análise tornou-se viável na medida em que todas as reuniões e a presença é computada por meio das respostas de um formulário on-line enviado ao fim do encontro. A partir dessas respostas e da interação dos membros, foi possível constatar como as obras são recebidas por pessoas com diferentes níveis de leitura, ressaltando em primeiro plano apresenta a importância do clube de leitura; e em um segundo momento, considera os livros escolhidos e a recepção por parte dos integrantes. Por fim, destaca-se os livros que tem conexões amefricanas, em especial nas obras *O olho mais azul* (ano) de Toni Morrison, *Úrsula* (ano) de Maria Firmina dos Reis e *Niketche* (2001) de Paulina Chiziane, contribuindo assim para visibilidade da produção de mulheres negras no continente americano e africano.

Clube de Leitura: pelo direito do leitor à literatura

Nas palavras de Antonio Candido (1995), destaca-se a “literatura como um direito humano”, e também como uma necessidade. Nessa perspectiva, a leitura literária “devolve a quota de humanidade”, afinal, a ficção permite sonhar e, portanto, humanizar. Além, é claro, do valor cognitivo que a prática da leitura oferece, tendo em vista que a fabulação sempre habitou o imaginário das civilizações e, tal como ela formula a identidade de um povo (ECO, 2003).



Diante do exposto, observando a desmotivação dos alunos em relação à leitura literária, as professoras, coordenadoras do projeto, com o apoio da Companhia das Letras de São Paulo/SP, no primeiro semestre de 2021, organizaram o projeto de extensão interinstitucional intitulado “Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carraschoza”, no qual alunos e comunidade reúnem-se de forma virtual e mensalmente para a troca de experiências de leitura. Nessa perspectiva, um clube da leitura

[...] é um encontro em torno de pessoas e textos. Para que um círculo seja bem-sucedido, é preciso que ambos estejam preparados e as reuniões onde se encontram devidamente organizadas. Por isso, são fundamentais: a seleção das obras, a disposição dos participantes e a sistematização das reuniões (COSSON, 2014, p. 160).

Isto posto, o objetivo principal é democratizar a literatura, além de proporcionar a formação de leitores críticos, criativos e sensíveis às formas artísticas e às relações humanas, tal como afirma Candido.

Segundo Cláudia Rosenberg Aratangy, os clubes de leitura são heranças do pensamento Iluminista do século XVIII. Conforme a autora pondera, a prática surgiu nos Estados Unidos e aparentava como objetivo o encontro de um grupo para a discussão de assuntos relativos à política, filosofia e ética. No Brasil, entretanto, a autora afirma que a prática só se tornou amplamente difundida quando no ano de 2010, a editora brasileira Companhia das Letras uniu-se à editora inglesa Penguin.

Uma comunidade de leitores é definida pelos leitores enquanto indivíduos que, reunidos em um conjunto, interagem entre si e se identificam em seus interesses e objetivos em torno da leitura, assim como, por um repertório que permite a esses indivíduos compartilharem objetos, tradições culturais, regras e modos de ler. Desse modo, embora o processamento físico do texto seja essencialmente individual, a leitura como um todo é sempre social, porque não há leitor que não faça parte de uma comunidade de leitura, ainda que nem sempre seja reconhecida como tal (COSSON, 2014, p. 139).

Nessa perspectiva, para além dos clubes com reuniões presenciais, há crescente propagação dos clubes virtuais, por meio de curadorias on-line feitas por educadores, pensadores e outros profissionais que se dedicam na arte de compartilhar suas impressões sobre autores pouco ou muito reconhecidos no cenário editorial brasileiro ou estrangeiro. Dessa maneira, contribuem também para o surgimento de fóruns de debates sobre obras



literárias de valor cultural. Nessa perspectiva, constata-se a importância dos clubes de leitura e de

[...] todos os desdobramentos que eles têm lançado vêm criando novas perspectivas de leitura no Brasil. Para aqueles que compreendiam as mídias sociais e as tecnologias como formas de afastamento da leitura, têm-se argumentos contrários consistentes, uma vez que inúmeras plataformas são utilizadas como meios de divulgação, compartilhamento e discussão de leituras (vide perfis em redes sociais, plataformas de vídeos, aplicativos de leitura, para citar alguns). Assim, ler desperta interesse em uma parcela considerável da população brasileira. Talvez os clubes de leitura possam apontar caminhos para se chegar aos diferentes perfis de leitores, além de possibilitar o mapeamento dessas redes de leituras (AGNOL; CECCAGNO, 2021, p. 269).

Desse modo, um clube de leitura consiste em reuniões periódicas destinadas à discussão de um mesmo livro previamente escolhido, sob a orientação de um leitor com maior experiência de leitura. Os encontros do “Clube de Leitura Virtual João Anzanello Carrascoza”, seguindo esta lógica, são realizados sempre no último sábado do mês, por meio do aplicativo Google Meet⁴. O público-alvo são alunos do curso de Letras e comunidade de Paranavaí e região e alunos do curso de Pedagogia e comunidade de Tupã e região. Além disso, por conta da modalidade *on-line*, o projeto abrange, ao todo, dezoito municípios entre Paraná e São Paulo.

No âmbito desse clube, privilegia-se obras literárias com valor estético e cultural, como as que serão aqui analisadas, tendo em vista que essas leituras podem⁴

[...] permit[ir] ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 1990, p.19)

Ou seja, o clube incentiva o debate, a interação e a socialização do conhecimento entre os participantes sobre a leitura de obras literárias; cria espaços de compartilhamento de

⁴ O Google Meet é o serviço de videoconferências do Google, disponibilizado no navegador e em aplicativo para celulares. Criado em 2017, em maio de 2020, influenciado pelos períodos de isolamento social na pandemia de COVID-19, o Google disponibilizou os serviços do Meet gratuitamente para todas as pessoas com uma conta na plataforma. Essas informações foram extraídas do site Work Space Google, disponível em <https://workspace.google.com/intl/pt-BR/resources/videoconferencing/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

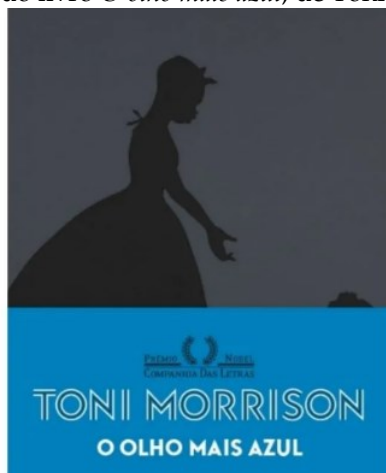


impressões e interpretações; forma mediadores de leitura, já que a maioria dos membros são alunos de licenciaturas; amplia o tempo de leitura e o repertório dos participantes; incentiva o desenvolvimento do prazer pela experiência da leitura; possibilita que cada participante consiga realizar uma leitura de si mesmo e do mundo, a fim de reconstruir e construir lugares próprios, além de criar um espaço virtual destinado à promoção do livro, da leitura e de autores.

***O olho mais azul* (1ª. Edição, 1970), de Toni Morrison: as faces do racismo na infância**

Toni Morrison, nascida Chloe Ardelia Wofford, foi uma escritora, editora e professora estadunidense, também foi primeira mulher negra vencedora do prêmio Nobel de Literatura. Sua escrita é pautada em questões relativas aos negros no contexto estadunidense, tais como a escravidão, o racismo e a busca pela construção de uma identidade étnico-racial. Seu livro de estreia, *O olho mais azul*, é um estudo sobre raça, gênero e beleza. Publicado em 1970, o livro foi proibido em muitas escolas americanas. Trata-se de um livro em que se tematiza o racismo em vários âmbitos e sobre como é ser criança nesse contexto.

Figura 1: Capa do livro *O olho mais azul*, de Toni Morrison (2009)



Fonte: Site da Companhia da Letras (2023)

Em *O olho mais azul*, conhecemos Pecola Breedlove, uma menina negra de 11 anos com o sonho de ter os olhos mais belos e mais azuis que já vira. Mais belos e mais azuis que os olhos de Shirley Temple e das bonecas da moda. Pecola acreditava que com os olhos mais azuis ela não se sentisse tão feia e seus pais não brigariam tanto, e sua vida seria melhor



também na escola, sem a perseguição e discriminação dos colegas, sendo notada pelos professores.

A história é narrada por outra garota negra, Claudia MacTeer. Ela e sua irmã, Frieda, também são vítimas de preconceito, no entanto, fazem parte de uma estrutura familiar mais estável que a de Pecola, e isso determina a forma de enfrentar o mundo.

A obra traz à tona um ciclo que persiste na infância de crianças negras que, ao serem abandonadas e agredidas, reproduzem atrocidades com os próprios filhos e, dessa forma, a escritora não insensibiliza os agressores. Plena de violência física e simbólica, o que a obra tem de mais singular é justamente a sua força de representação: Pecola Breedlove foram, e ainda são, muitas, infelizmente.

Essa é uma leitura que incomoda, pois num primeiro momento, há o toque das paixões; em outro, a indignação frente ao relatado; num terceiro momento – final – há apenas o amargor, a sensação de soco na boca do estômago, restando ao leitor a tristeza de tomar conhecimento do fracasso de uma sociedade: “Aí Pecola fez uma pergunta que nunca tinha me passado pela cabeça. ‘Como é que faz isso? Quero dizer, como é que a gente faz alguém amar a gente?’ Mas Frieda estava dormindo e eu não sabia.” (MORRISON, 2019, p. 36).

Pecola deseja desaparecer: “Por favor, Deus’, sussurrou na palma da mão, ‘por favor’, me faça desaparecer” (MORRISON, 2019, p. 48). O bullying e a discriminação doem na alma do leitor:

Passava longas horas sentada diante do espelho, tentando descobrir o segredo da feiura, a feiura que a fazia ignorada ou desprezada na escola, tanto pelos professores quanto pelos colegas. Era a única pessoa da classe que sentava sozinha numa carteira dupla. (MORRISON, 2019, p. 49)

Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança. Levaria muito, muito tempo para que uma coisa maravilhosa, como aquela, acontecesse. (MORRISON, 2019, p. 50)

Pecola é violentada – por todos ao seu redor e representa tantas meninas na mesma condição que a dela: “O fato de também eles serem negros e de seus respectivos pais terem hábitos igualmente descontraídos era irrelevante. Era o desprezo que sentiam pela própria negritude que fez irromper o primeiro insulto.” (MORRISON, 2019, p. 69)



Essa trágica história marcada pela violência doméstica, racismo, colorismo e estupro, retrato de uma sociedade americana na década de 1940, época de segregação racial e ausência de direitos civis, foi lida discutida pelos integrantes do “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza” em maio de 2022. Havia 20 pessoas na reunião que discutiu o livro, das quais apenas duas não tinham lido o livro integralmente, conforme o gráfico gerado automaticamente pelo Google Forms⁵. Dos presentes virtualmente na reunião, todos gostaram do livro, tanto pelo enredo, tanto pelo projeto gráfico-editorial. Os participantes também responderam à pergunta: *O que mais te chamou atenção na obra?* Das repostas, destacam-se:

- Toni Morrison tem uma maneira muito própria de contar histórias. (Integrante 1)
 A forma como a autora descreve as cenas e os preconceitos que as personagens são submetidas, é um choque de realidade, principalmente para quem não vive isso. (Integrante 2)
 O livro inspira, muda o nosso modo de pensar. Inspiradora história, e a da autora também. (Integrante 3)
 Gostei muito da obra. Trata-se de um escrito que aborda, de uma forma bem reflexiva, a questão da cor da pele e características gerais que uma pessoa negra sofre, mediante uma sociedade preconceituosa cercada de padrões e imposições de beleza. (Integrante 4)
 É um livro forte, pois impacta. Não há como ser o mesmo após a leitura. (Integrante 5)
 O livro aborda um tema muito reflexivo. Leitura impactante. Acredito que todos os adolescentes deveriam lê-lo. Gostei muito. Com certeza irei ler o livro novamente. Agradeço muito ao Clube de leitura. (Integrante 6)
 É um livro com uma história triste, mas necessária que seja contada. As sucessivas violências que Pecola sofre e o desfecho da personagem é de cortar o coração. (Integrante 7)
 A escrita impactante e forte de Toni Morrison. (Integrante 8)
 Uauu, difícil de responder, pois o livro todo é tocante, mas foi uma leitura dolorida, triste, assuntos impactantes como estupro, violência, machismo, racismo e preconceito. Na página 56, as falas de quando ela rezava para ter olhos azuis, ela tinha essa preocupação, o olhar, a perspectiva das outras pessoas a respeito dela própria. E a todo momento é uma crítica social relacionada, relatada. (Integrante 9)
 Este é um livro sem menor chance a dúvida com uma história necessária, que dói onde eu nem imaginasse que poderia sentir dor, cheio de gatilhos, denso, de difícil digestão, que precisa ser lido com calma - pausadamente - visto pela perspectiva de uma criança, que expõe aquilo que muitos insistem em esconder e disfarçar: machismo, negligência, violência doméstica e sexual, abuso de menores. (Integrante 10)
 Podemos perceber que cada personagem desta história pode ser bom ou mal em algum momento e é fundamental que isso acontece devido às situações nas quais eles são colocados, isso não significa que eu concorde com as atitudes deles, mas o meio em que vivemos interfere muito em nossas vidas, e as personagens do livro sofrem os efeitos da exclusão, da violência e do sofrimento na vida de uma pessoa

⁵ Google Forms é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google. Os usuários podem usar o esse aplicativo para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também podem ser usados para questionários e formulários de registro.



negra, e outra coisa que está bem clara é como o racismo estrutural entre pessoas negras existe. (Integrante 11)

A forma como ela escreveu, tinha momentos que tive de parar e reler para saber quem estava falando. Ele é muito complexo e pede uma releitura. Adorei. (Integrante 12)

Muitos aspectos: o preconceito entre os negros, a falta de estrutura familiar que os pais de Pecola tiveram e por isso não souberam dar o carinho que Pecola tanto queria. E todo o sofrimento de Pecola. (Integrante 13)

Esse livro é um choque de realidade, é atemporal. Impossível ler e não se questionar sobre os padrões de beleza, abusos, bullying e racismo que cresce na nossa sociedade. Esse livro deveria ser obrigatório nas escolas e cobrado no ENEM e nos vestibulares. Destaco a página 49: "Passava horas sentada diante do espelho, tentando descobrir o segredo da feiura, a feiura que a fazia ignorada ou desprezada na escola, tanto pelos professores quanto pelos colegas. Era a única pessoa da classe que sentava sozinha numa carteira dupla." E a página 48: "Por favor, Deus, sussurrou na palma da mão, por favor, me faça desaparecer. (Integrante 14)

O que mais me chamou a atenção na obra, foi o quanto a menina negra sofre no meio em que vive, sofrendo abusos físicos, psicológicos e preconceito racial por parte dos brancos e também de outros negros, o que acaba a afetando profundamente. (Integrante 15)

Que eu provavelmente deveria ler mais livros da autora, (Integrante 16)

O olho mais azul é um livro impactante e isso foi destacado nos comentários acima dos participantes, enquanto aquilo que chamou mais atenção. As pessoas são boas e más, umas mais outras menos, assim como o ser humano fora da ficção. Pecola Breedlove é a personagem que mais sofre todo tipo de violência, sobretudo, por desejar ter olhos azuis para ter a chance de ser amada. No entanto, chama a atenção do leitor, que todas as personagens dessa história, que são excluídas e violentadas, contando suas misérias, frustrações e sofrimentos.

Digno de nota, tanto no que diz respeito aos comentários transcritos acima, quanto na discussão da obra, foi o entendimento, por parte dos leitores, de que, nesse romance, Morrison mergulha profundamente nas experiências de personagens negros e explora os efeitos devastadores da internalização do racismo e da busca por aceitação em uma sociedade dominada pela branquitude, expondo as implicações psicológicas do racismo e como ele molda a identidade e a autoestima das personagens negras. Ela confronta diretamente a ideia de que a beleza e o valor estão associados apenas à branquitude, destacando o impacto devastador que esses padrões têm na autoimagem e na percepção de si mesmos pela comunidade negra.

Além disso, *O olho mais azul* também critica a sociedade que perpetua e sustenta o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019). Morrison revela as desigualdades sociais, a violência e a exclusão enfrentadas pelos personagens negros, enquanto os coloca em contraste com a



suposta superioridade branca. A narrativa também aborda temas como abuso, negligência e a desintegração de relacionamentos familiares, tudo isso dentro do contexto mais amplo da opressão racial.

O olho mais azul desafiou os leitores do Clube a confrontarem suas próprias crenças e preconceitos, ao mesmo tempo em que oferece uma visão contundente sobre a necessidade urgente de transformação social e de uma sociedade mais justa e igualitária e sem racismo.

Úrsula (1ª edição, 1859), de Maria Firmina dos Reis: um olhar para as minorias

A literatura afro-brasileira é uma importante voz desde o século XIX no Brasil, com Maria Firmina dos Reis, que é considerada uma das primeiras mulheres brasileiras a escrever um romance e também a primeira escritora negra de nosso país. Seu romance, *Úrsula*, publicado pela primeira vez em 1859, é pioneiro da literatura antiescravista e da produção literária negra no Brasil (ADLER, 2017; FAUSTINO, 2022). Tanto o livro quanto a escritora foram ignorados pelo cânone nacional.

Figura 2 - Capa do livro *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis



Fonte: Site da Companhia da Letras (2023)

O romance descreve a história de Tancredo, que é um rapaz de família rica que, ao ser acometido de uma doença no meio da estrada, acaba sob os cuidados de Úrsula, uma moça que conhece apenas o ambiente doméstico e que dedica sua vida para cuidar da mãe doente. Tancredo e Úrsula se apaixonam e ele promete casamento e felicidade, no entanto,



o futuro de ambos é ameaçado por Fernando P., tio de Úrsula, irmão de Adelaide. Fernando é um senhor branco dono de terras em Santa Cruz, que tinha, em seus escravos, a garantia de seus lucros.

Em *Úrsula*, Firmina inaugura no romance brasileiro do século XIX a narrativa em primeira pessoa de personagens negras. Susana, Túlio e Antero são as primeiras personagens literárias negras brasileiras constituídas e representadas como sujeitos de suas trajetórias. Elas estão fora dos padrões romanescos do Romantismo brasileiro, por não retratarem a marca da escravidão, seja por meio das palavras que proferem nos diálogos, seja por meio do papel desempenhado no enredo. No romance *Úrsula*, o escravo ganha voz. E aí está a grande importância dessa obra, uma contra narrativa à imagem hegemônica.

Em julho de 2022, *Úrsula* foi lida e discutida no “Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza”. Sobre *Úrsula*, 20 leitores participaram do encontro, dentre os quais 93,8% leu o livro todo, e 100% gostou da obra. Dos leitores presentes, todos gostaram e dos comentários, por eles feito, destacam-se:

A sensibilidade da autora e sua maneira perspicaz de colocar um tema de sua época em discussão em um livro rico em detalhes dando fala a personagens coadjuvantes. (Integrante 1)

Que a obra, escrita no período da escravidão, descreve histórias marcantes que nos impactam profundamente. O final trágico também chama bastante a atenção. (Integrante 2)

A riqueza de detalhes é fenomenal, principalmente a parte que narra a morte da mãe da Úrsula. (Integrante 3)

Os aspectos românticos bem presentes e a temática abolicionista. (Integrante 4)

A presença de escravos não só como personagens em segundo plano, mas interagindo na história. (Integrante 5)

Um livro lindo, muito bem escrito... com um final trágico para todos os personagens. Lerei novamente, pois li muito rápido. (Integrante 6)

A riqueza de detalhes é fenomenal, principalmente a parte que narra a morte da mãe da Úrsula. (Integrante 7)

A criatividade, a fala poética e delicada. (Integrante 8)

As personagens Túlio e Susana são retratos da desumanização e servidão dos negros que foram raptados de seus lugares de origem. (Integrante 9)

As maldades de Fernando, a fidelidade de Túlio ao Tancredo, agindo ainda como escravo e a história da negra Susana. (Integrante 10)

A sensibilidade da autora e sua maneira perspicaz de colocar um tema de sua época em discussão em um livro rico em detalhes dando fala a personagens coadjuvantes. (Integrante 11)

Este livro é muito emocionante. (Integrante 12)

Destaco a escrita do livro; Escravidão - voz aos negros para expressar seus pensamentos, sentimentos e contar a sua história. (Integrante 13)

Final, um romance trágico, que na minha observação mexe com as emoções do leitor e gera mais reflexões. (Integrante 14)



O sofrimento dos personagens para viver o grande amor. A fidelidade de Túlio e Suzana para com os seus senhores. Fiquei com vontade de reler para atentar-me aos detalhes descritos pela professora Luciana. (Integrante 15)

Destaco do livro *Úrsula*, a questão que retrata homens autoritários e cruéis, mostrando atos inimagináveis de mando patriarcal e senhorial em um sistema que não lhes impõe limites, ademais, no final todos morrem. (Integrante 16)

Foi um livro difícil de ler pela escrita da época tenho ansiedade então por várias vezes me perdi e tive que voltar pra poder entender a leitura, até o dia do clube tinha lido mais da metade e já estou quase finalizando. É um livro que me remete ao filme: "12 anos de escravidão", onde retrata o quão imensa é a maldade humana. Uma leitura que nos faz refletir que ainda carregamos a escravidão em pleno século XXI, o racismo estrutural e explícito que vemos hoje mostra que a escravidão continua em nossa sociedade. (Integrante 17)

Os comentários sobre o romance *Úrsula* ressaltam a importância da obra no que diz respeito à autoria feminina em contexto patriarcal em meados do século XIX, assim como a sua temática, uma vez que é o primeiro romance no século XIX, de autoria feminina, a criticar abertamente a escravidão africana em plena vigência desse sistema econômico. “Em *Úrsula*, as personagens escravas ultrapassam este ponto de vista usual e transgridam as fronteiras de subjetivação do negro a partir da escrita literária” (KRACHENSKI, 2018, p.59).

Nessa perspectiva, Maria Firmina dos Reis, observando a realidade, escutando as vozes de seu tempo, transporta para a narrativa a questão da escravidão, oferecendo ao leitor um texto crítico e de luta, “[...] na medida em que questiona e busca desconstruir uma imagem negativa do negro escravizado, baseada na indolência, na luxúria, na ausência de sentimentos e na bestialização de tais sujeitos” (KRACHENSKI, 2018, p.60).

No encontro do Clube para a discussão do livro foi muito destacado pelos participantes que, ao longo do romance, Firmina dos Reis desafia a visão estereotipada e desumanizante dos afrodescendentes, oferecendo uma representação complexa e humanizada das personagens negras. Ela retrata suas lutas, seus anseios, suas aspirações e sua resistência contra a opressão. A personagem de *Úrsula*, em particular, simboliza a busca pela liberdade, autonomia e igualdade em um contexto hostil. Firmina dos Reis critica as estruturas sociais injustas e a naturalização da escravidão, apontando para a necessidade de uma transformação social profunda.

Nesse encontro, os integrantes entenderam que *Úrsula* desempenhou um papel importante na literatura brasileira ao expor as mazelas do sistema escravocrata e ao confrontar a ideologia racista que permeava a sociedade da época. A obra de Firmina dos Reis foi um marco, questionando a visão dominante e contribuindo para uma maior

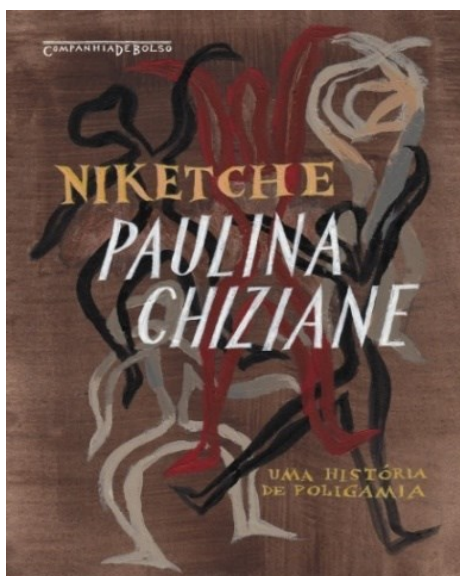


conscientização sobre a desigualdade racial e a necessidade de uma sociedade mais justa e igualitária.

Niketche (2001), de Paulina Chiziane: uma reflexão da condição feminina

Niketche — uma história de poligamia é a obra mais conhecida da escritora Paulina Chiziane, moçambicana, a primeira mulher romancista em seu país. Ela estreou na literatura em 1984, quando publicou crônicas nas revistas *Domingo e Tempo*. Escreveu a seguir diversos romances consagrados, como *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000) e *O alegre canto da perdiz* (2008). “Paulina Chiziane foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. [Essa] escritora desafiou e desafia críticas e resistências sociais e culturais no seu país [e no mundo]” (DIOGO, 2010, p.173).

Figura 3 - Capa do livro *Niketche: uma história de poligamia*, Paulina Chiziane



Fonte: Site da Companhia da Letras (2023)

Niketche: uma história de poligamia foi publicada em 2001, conta a história da narradora-personagem Rami, que se une às quatro amantes de seu marido, Tony, para formarem uma grande família. Desse modo, Rami transforma a sua vida e a vida de todas as mulheres. Apesar de doer na alma, a voz feminina de Rami ficará por algum tempo presente na memória do leitor, tendo em vista que o



[...] romance considera que tais opressões são agravadas a partir do estabelecimento da colonização portuguesa. Para superar alguns dos problemas sociais, o texto propõe um diálogo entre as diversas práticas sociais dos diferentes povos que compõem a população moçambicana. Em resumo, o romance prega que a união entre as mulheres pode colaborar para a produção de relações sociais mais vantajosas para as mulheres (SILVA, 2020, p. 54-55).

O livro é marcado pelo fluxo de consciência da personagem Rami, que analisa seu lugar de mulher na sociedade moçambicana do período pós-guerra civil. Em *Niketche* há o protagonismo da mulher negra, há o realismo social e crítica de costumes, há reflexão sobre a condição feminina, há o fluxo de consciência, há uma linguagem lírica e uma pluralidade cultural imensa.

Ter é uma das muitas ilusões da existência, porque o ser humano nasce e morre de mãos vazias. Tudo o que julgamos ter é-nos emprestado pela vida durante pouco tempo. Teu é filho no ventre. Teu é filho nos braços na hora da mamada. Mesmo o dinheiro que temos no banco, só o tocamos por pouco tempo. O beijo é um simples toque e o abraço dura apenas um minuto. O sol é teu, lá do alto. O mar é teu. A noite. As estrelas. Cada ser nasce só, no seu dia, na sua hora, e vem ao mundo de mãos vazias. Penso naquilo que tenho. Nada absolutamente nada. (CHIZIANE, 2021, p. 23).

O livro também apresenta muitas reflexões sobre o amor, esse sentimento que faz despertar sorrisos em rostos tristes e dá vida a corações outrora quebrados:

Mas o amor é muito mais forte na despedida, tal como o último beijo é o maior de todos os beijos. O amor é sublime, não pode ser mexido por mãos humanas. Ele vem, ele toca-nos e marca-nos o coração com cicatrizes profundas. O amor é superior, voa alto e poisa onde deseja. O amor é independente, não se compra, não se vende. É brisa que vai, brisa que vem, que entra no peito e se instala sem pedir licença... Nasce e morre onde lhe dá gana. É sopro mágico da flauta dos campos, que encanta, que faz a alma voar. Refresca como a água das fontes e fortalece o espírito. Quando entende pode ser mais violento e arrasador que tempestades. O amor é diamante. É efêmero e eterno como um grão de poeira. (CHIZIANE, 2021, p. 239).

E sobre a vida, assim como a efemeridade e a transitoriedade do tempo:

A vida é uma roda, um dia espinho, outro dia flor, um dia sol, outro dia tempestade. Ah, vida minha, quantas vezes choramos e quantas vezes sorrimos no mesmo percurso? (CHIZIANE, 2021, p. 250). Tudo o que começa acaba, como o vento que corre, como o sol que nasce e morre, como a primavera que vem e a primavera que vai. O polvo tem muitos tentáculos, mas não segura todas as águas dos oceanos. A fera mata apenas para saciar a fome e tu querias devorar o mundo inteiro com dentes de leite. As mulheres belas nascem todos os dias, em todos os quadrantes de todo o planeta. (CHIZIANE, 2021, p. 284).



Em novembro de 2022, o livro foi lido e discutido por 26 integrantes do Clube de leitura virtual João Anzanello Carrascoza e apenas 79, 2% tinha lido o livro integralmente antes da reunião, os demais, tinham começado a ler, mas não tinham conseguido terminar de ler antes da reunião. A mesma porcentagem que leu integralmente o livro foi a que gostou muito do mesmo 12,5% gostou um pouco e apenas 8,3% não gostou.

A escolha do livro também foi muito importante porque mais da metade dos participantes nunca tinha lido nenhum livro de autor(a) africano(a). Não consta no questionário, mas perguntou-se oralmente no dia da reunião e apenas 3 participantes tinham lido obras de mulheres africanas. Dos comentários, daquilo que mais chamou a atenção na obra pelos leitores, destacam-se:

A forma ampla que a cultura de diferentes regiões de Moçambique e as metáforas que são empregadas de forma poética pela autora. (Integrante 1)

A carência feminina, e a liberdade da sexualidade masculina na cultura africana. (Integrante 2)

Como a rotina da Rami (mulher moçambicana) é parecida com as das nossas avós, mães. A mulher gira em torno do marido e tudo (exclusivamente) é para ele. Além da submissão que a Rami tem pelo Tony. É um livro que traz um misto de sentimentos e emoções, a única coisa que foi única (as partes que li) é o ódio pelo Tony. Enfim, o livro traz muitas reflexões e pensamentos. Por mais leituras assim. (Integrante 3)

Meu destaque da Obra é sobre o nome do livro NIKETCHE A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe... Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri celebrando o mistério da vida ao sabor de NIKETCHE. (Integrante 4)

Provavelmente a parte mais interessante da obra é receber um choque de realidade muito interessante no que se diz respeito à rotina da mulher de Moçambique, mesmo em culturas diferentes há uma espécie de (triste) universalidade nessa prisão de relacionamentos abusivos, sejam eles poligâmicos ou não. (Integrante 5)

Gostei muito do fato do livro abordar muitos temas, apesar do foco ser amor polígamo o livro retrata o relacionamento abusivo, estupro, e a evolução das personagens. (Integrante 6)

Vou destacar em como apenas um único homem pode trazer tanto sofrimento para muitas mulheres. Foi algo que mais me pegou na obra e me fez gostar muito dela. O sofrimento, a dor, a mágoa, tudo me deixou ainda mais animada (ironicamente) apesar de ser muito triste. Adoro livros que mostram a parte agonizante das emoções humanas, e esse livro eu amei (além da escrita) justamente por causa disso. (Integrante 7)

Eu amei a escrita da autora, Paulina Chiziane. Não a conhecia, mas a partir de agora, lerei tudo o que ela escrever e que vier a ser publicado no Brasil. Quanto a narrativa do livro, destaco que é uma narrativa fluída e que para além do tema "Poligamia", a autora trabalha outros temas como sororidade e paternidade nas entrelinhas do livro. Surreal, recomendo a leitura a todos! (Integrante 8)

Embora essa cultura pareça ser diferente da nossa, estamos um pouco engados, porque vemos o quanto a traição virou moda atualmente. Vemos muitos casais se desfazendo. Mulheres se descabelando por causa de homens e aceitando várias situações e passando por cima dos problemas causados pelo homem. Eu achei o livro



muito provocativo e pesado, ao mesmo tempo, porque à medida em que fui lendo, veio várias recordações da minha infância, pois a minha mãe passou por algo parecido. E me lembro que ela procurou alguns meios para solucionar o problema e um deles foram as simpatias, porque ela acreditava em tudo isso naquela época. Hoje eu compreendo tudo o que ela passou. A única diferença é que meu pai não arrumou filhos. Eu teria mil motivos para não gostar do livro, mas eu gostei sim!!! Mas a Literatura nos possibilita a gostar! Por que ele me lançou logo na epígrafe "Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz." (Integrante 9)

Quanto a obra *Niketché*, de Paulina Chiziane, há muito o que se destacar. Sua obra é rica em detalhes, cultura e linguagem. Fica perceptível também a crítica feminista em todos os questionamentos de Rami quanto as tradições e a ausência de espaço para a mulher. Além disso, a obra traz a questão de sororiedade entre as mulheres e o que é preciso desconstruir no meio social. (Integrante 10)

Esse livro mostra claramente como que a luta pela voz e direito da mulher ainda é longa. A rotina da esposa moçambicana parece com o de muitas mães e avós atualmente. Destaco a página 25: "A vida é uma roda, um dia de espetinho, outro dia flor, um dia sol, outro dia tempestade. Ah, vida minha, quantas vezes choramos e quantas vezes sorrimos no mesmo percurso?" Destaco também a página 284: "Tudo o que começa acaba, como vento que corre como sol que nasce e morre, como a primavera que vai. O polvo tem muitos tentáculos, mas não segura todas as águas dos oceanos. A fera mata apenas para saciar a fome e tu querias devorar o mundo inteiro com dentes de leite. As mulheres belas nascem todos os dias, em todos os quadrantes de todo o planeta". (Integrante 11)

Paulina Chiziane como uma autora da literatura moçambicana pós-independência, revela em *Niketché*: uma história de poligamia uma voz feminina, que faz uma reflexão sobre a condição da mulher negra na sociedade moçambicana. E essa crítica de costumes é destacada nos comentários transcritos acima e, em especial

[...] dialoga com uma reflexão feminista que incorpora a discussão descolonial para reivindicar melhores condições de vida para as mulheres. Essa nova condição de vida deve ser buscada a partir da compreensão das especificidades vividas por mulheres não brancas, em contextos de longa experiência de colonização e opressão das populações originárias como ocorre em países como Bolívia, Brasil e Moçambique. (SILVA, 2020, p. 68-69).

Reflexões como essas contribuíram para o alargamento das impressões dos integrantes do clube, uma vez que os comentários também consideram o fluxo de consciência da narradora-personagem, que analisa, com uma linguagem lírica, sua condição e a de outras mulheres vinculadas à tradição de uma sociedade patriarcal. Desse modo, a "[...] narrativa propõe que mulheres devem se organizar para conquistarem direitos e podem construir arranjos familiares a partir dos seus interesses, reformulando os ou construindo novos relacionamentos" (SILVA, 2020, p. 68).



Assim, mostra uma realidade feminina marcada pela submissão, nesse sentido, a obra reflete sobre a condição feminina e Rami é uma voz que fala em nome de uma coletividade, visto que manifesta anseios, angústias e esperanças de todas as mulheres que enfrentam o machismo e o conservadorismo. Sendo assim.

[...] a representação das mulheres negras na literatura de Paulina Chiziane, pois a autora nos traz a partir do seu romance um dos vários desdobramentos da colonização em Moçambique. Chiziane se refere a poligamia como consequência desta colonização, sempre mencionando a distinção social que obtiveram os papéis femininos, que seriam hierarquizados. (CAMPOS, 2021, p. 424).

Destaca-se do encontro com os integrantes do Clube, o que foi muito debatido: que o livro *Niketche* (2001) de Paulina Chiziane é uma obra literária que aborda a transformação social e faz uma denúncia contra o racismo, especialmente no contexto moçambicano. Por meio de narrativa envolvente, Chiziane aborda questões de gênero, tradições culturais e desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que critica as estruturas que perpetuam o racismo. Nesse livro, a escritora expõe as desigualdades e estereótipos enfrentados pelas mulheres negras em Moçambique, questionando a suposta superioridade da branquitude e as expectativas restritivas impostas às mulheres, tendo em vista que: “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 16).

Conexões amefricanas no *Clube de Leitura Virtual* João Anzanello Carraschoza: à guisa de conclusão

As três obras consideradas nesse texto são de alto nível e de grande importância dentro do cânone literário contemporâneo. Cada uma delas apresenta uma abordagem original e impactante das questões sociais que buscam denunciar, além de oferecer uma narrativa envolvente e uma escrita de qualidade.

O Olho Mais Azul de Toni Morrison é considerado uma obra-prima da literatura contemporânea, amplamente reconhecida pela sua profundidade temática, estilo literário poético e pelo impacto que teve na representação da experiência negra nos Estados Unidos. *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, como o primeiro romance escrito por uma autora negra no Brasil, é uma obra pioneira e valiosa para a literatura nacional. Embora tenha recebido



menos atenção na época de seu lançamento, sua importância histórica e seu poder literário foram posteriormente reconhecidos, elevando-a ao *status* de uma obra significativa e *Niketche*, de Paulina Chiziane, é um exemplo notável da literatura africana contemporânea de língua portuguesa. A obra é marcada pela habilidade da autora em abordar questões sociais complexas, como racismo e patriarcado, com uma narrativa envolvente de promover discussões importantes lhe conferem um alto nível de relevância. Sendo assim, as três obras são de alto nível, tanto em termos de sua qualidade literária quanto de sua importância no panorama literário e social. Cada uma delas se destaca por sua capacidade de oferecer uma reflexão profunda sobre questões sociais, denunciar o racismo e contribuir para a transformação e conscientização social.

Diante do exposto, tendo como aporte teórico o pensamento de Antônio Candido (1995), que afirma que a literatura é um direito humano, os clubes de leitura possibilitam que o acesso aos livros seja democratizado, por meio de um espaço de troca, socialização e interação. Isto é, a leitura, seguida pelos encontros mensais, faz com que a arte conquiste espaços, além de tornar o conhecimento mais amplamente difundido e consequentemente mais emancipatório.

Nessa perspectiva, as três obras tiveram recepção muito positiva. Essas leituras permitiram que os leitores tivessem acesso direto a culturas e espaços distintos, colocando em pauta questões sociais e mudanças significativas ou não do momento em que vivemos.

A revisitação deste modelo excludente de padrão tradicional, após décadas, tem sido fonte de inúmeros questionamentos nos diversos campos de ideias históricas e literárias e, sobretudo, dos saberes constituídos; várias correntes de pensamento propõem uma nova verificação das fontes para que grupos “excluídos” e “silenciados” desse processo possam ter voz e a história proporcione uma maior abrangência dos variados setores em estudo. (ROSA, 2020, *on-line*).

Deste modo, ao revisitar essas obras, os integrantes do clube puderam conhecer grandes escritoras, donas de primorosas expressões literárias e de biografias, comprometidas com a luta por direitos e equidade de todos, a saber: Maria Firmina dos Reis, Toni Morrison e Paulina Chiziane, por terem sido pioneiras na literatura e na história de seus respectivos países. Esse contato com as obras gerou debates importantes, os quais contribuíram para a ampliação de reflexões sobre questões sociais urgentes tendo que a maioria são professores, ou seja, agentes de transformação social e cultural.



Acresce-se a isso, o compromisso pedagógico da literatura é perturbar o leitor no seu comodismo, arrancar as traves preconceituosas, limitadas e simplórias de seus olhos. Conceição Evaristo definiu o conceito de "escrevivência": "Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos". Diante disso, o papel do professor de literatura é mediar a relação entre leitor e texto, não podendo trair o projeto da grande literatura que é o de perturbar o leitor em seu sono injusto.

Amefricanidade, categoria cunhada por Lélia Gonzalez nos anos de 1980, que se insere na perspectiva pós-colonial, surge no contexto traçado pela diáspora negra e recupera as histórias de resistência e luta dos povos colonizados contra as violências geradas pela colonialidade do poder. Nesse sentido, destaca-se que as três escritoras negras desempenham um papel de extrema importância na literatura, trazendo perspectivas únicas, histórias e experiências que muitas vezes são negligenciadas ou ignoradas. A importância dessas três escritoras negras na literatura reside na ampliação das vozes e perspectivas marginalizadas, na abordagem de questões sociais e raciais complexas e na construção de narrativas inclusivas e diversas. Seus trabalhos têm influenciado tanto a academia literária quanto o público em geral, como, no caso, os integrantes do “Clube de Leitura virtual João Anzanello Carrascoza”, contribuindo para uma apreciação mais profunda e uma compreensão mais ampla das experiências negras em tempos presentes em que ainda persiste o racismo no Brasil.

Referências

ADLER, Dilercy Aragão. **Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor**. 1 ed. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017. 124 p.

AGNOL, Samira Dall; CECCAGNO, Douglas. Aplicativos de clubes de leitura como mediadores – análise de uma experiência de leitura. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 57, p. 255-272, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/63436/pdf>. Acesso em: 05 mai.2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ARATANGY, Cláudia. **A leitura literária faz sentido na faculdade de direito? macklê – uma experiência de clube de leitura**. Mackenzie.



CAMPOS, Aline da Silva Campos. Paulina Chiziane e a obra Niketche: perspectivismo sobre a poligamia em moçambique no pós-colônia. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, n. 22, p.417-436, ago. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/58111/39079>. Acesso em: 07 mar.2024.

CANDIDO, Antonio. A Literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo. v. 9, n. 24, p. 803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3 ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche** – uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record; 2003. p. 9-21.

FAUSTINO, Leliane Amorim. **Úrsula caminha entre nós**: Maria Firmina dos Reis e a literatura romântica como perspectiva antirracista para a História do Brasil. Dissertação (Mestrado em História) – UFOP, Mariana, 2022.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Trad. Manoel Paulo Ferreira. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2013.

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. Um Olhar Sobre o Romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. In: **Literafro**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/321-um-olhar-sobre-o-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-critica>. . Acesso em: 11 abr. 2020.

SILVA, Renato Kerly Marques. Niketche: um romance sobre colonialidade e luta das mulheres. **Criação & Crítica**, n. 27, p.54-71, nov. 2020. Disponível em: Acesso em: 12 jul.2023.

SOARES, Cecília Moreira; JORGE, Grácia Lorena da Silva. Mulher negra na literatura: a palavra como instrumento de luta e resistência. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 29, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/53133>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, n. 14 ,p.11-12, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 05 mai. 2023.

